

IMAGEM DOS TERREIROS: AS RELAÇÕES ESTREITAS ENTRE O FOTOJORNALISMO INVESTIGATIVO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA- 1951 À 1962

Autores: JOSÉ VINICIUS PERES SILVA, FILIPE DE JESUS SAMPAIO

Introdução

Apresentamos no presente trabalho as ponderações iniciais da pesquisa que aborda acerca das relações entre duas reportagens distintas sobre o Candomblé, religião brasileira de Matriz-africana. Uma relatada na revista ilustrada *O cruzeiro* de 1951 no estado do Rio de Janeiro, conhecida à nível nacional do período e a outra em Montes Claros MG em 1962 do Periódico *O Encontro*. Sendo assim, propomos identificar que esse processo pode ser analisado à partir da ótica das representações sociais proposta por Sergio Moscovic (2007). Tornar algo familiar à um certo grupo social foi a forma com que as duas reportagens representaram a religiosidade do povo de Santo.

Material e métodos

Em 1951, a revista *O Cruzeiro* publicou a reportagem *As noivas dos deuses sanguíneos* assinada pelo repórter Arlindo Silva, com fotografias de José Medeiros. Nela, abordava-se um terreiro de Candomblé em Salvador Bahia. Naquele mesmo ano, antes da publicação de *O Cruzeiro*[1], Georgia Quintas(2015) descreveu que, o feito rompeu com o silêncio acerca desse ritual sagrado, mostrando cenas e cenários característicos de um ambiente preservado de registros fotográficos. Desse modo, a equipe de *O Cruzeiro* propôs –se a relatar um novo olhar que a revista francesa não havia captado.

Da mesma forma que o Candomblé e os cultos de Matriz Africana tiveram uma apresentação dentro do contexto nacional devido às fotografias de José Medeiros, identificamos outra reportagem que trata da mesma temática em uma revista ilustrada da época. A revista *Encontro*[2] de Montes Claros - Minas Gerais, mais de uma década após, no ano de 1962, veiculou uma matéria com o título *Nos Terreiros de Umbanda e Candomblé- Mistério e Pomba dos ritos fetichistas* realizada por Haroldo, com fotografias de Rilson Santos e Waldevino Fátimo. Dentro desse contexto, dois pais de Santo, José Fernandes da Umbanda e Pai Teresino do Candomblé, destacaram-se como os sujeitos retratados nessa reportagem.

Foram 14 fotografias veiculadas no corpo da reportagem as quais trouxeram a rotina e cotidiano dos cultos de Matriz Africana em Montes Claros naquele período. Essa matéria possuía uma divisão específica de Candomblé e Umbanda, já que as imagens estão articuladas a pequenos textos que apresentam cada um dos dois terreiros visitados pelos fotógrafos e jornalistas que trabalharam nesta produção.

Por meio dessas informações, o pretendemos portanto, fazer uma breve análise acerca das representações e construções que as fotografias produziram sobre as religiões de Matriz Africana na a partir das duas reportagens. Uma reportagem veiculada na revista *Encontro* no ano de 1962, é o nosso ponto de partida para essa compreensão, sendo assim, abordamos os anos 1951 à década de 1960 como marco temporal do estudo.

[1]O Cruzeiro ou simplesmente Cruzeiro foi uma revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1928, editada pelos Diários Chateaubriand. Carlos Malheiro Dias foi seu diretor no período de 1928 a 1933, sendo sucedido por Antônio Accioly Neto[1] e depois por José Amádio que, em 1933, tornou-se o principal editorial que ficou conhecido como "bossa nova". Foi a principal revista ilustrada brasileira da primeira metade do século XX. Deixou de circular em julho de 1933.

Resultados e discussão

O antropólogo Fernando de Tacca em seu livro *Imagens do sagrado: entre Paris Match e o Cruzeiro* (2009) revela-nos importantes questões nas quais destacam-se passagens sobre as fronteiras entre o território religioso marginalizado, o misticismo, as relações de desconfiança entre o fotógrafo, os terreiros e a urgência jornalística. Tais contextos são primordiais para a compreensão do ensaio realizado por José Medeiros na reportagem da revista *O Cruzeiro*.

Através de um olhar antropológico, Taca concluiu que a matéria da revista ilustrada foi um marco nas abordagens das religiões de matriz africana, com aspectos estereotipados. Ele também traz um embate midiático das imagens de candomblé que implicou forte polêmica no meio religioso e na intelectualidade brasileira no período, pois tais imagens tiveram em seu conteúdo algo que até então nunca foi divulgado na grande mídia. Assim, trouxeram fotografias produzidas de rituais que são destinados apenas para os praticantes da religião.

Paralelamente à essas informações, a reportagem desta revista pode ser identificada dentro de um contexto maior, onde as práticas do fotojornalismo foram diversificadas no Brasil deste período. Conforme Romonie (2010), a década a partir de 1950 as temáticas em que as religiões, os cultos e até mesmo práticas vulgarizadas passaram por um processo de inserção dentro dos furos de reportagens da época, acarretando assim uma procura muito grande em terreiros de candomblé Umbanda para serem documentados e relatados. Desta forma, identificamos relações próximas entre o modo de fazer essa reportagem com da Revista Ilustrada *O Cruzeiro* e a publicação do periódico de Montes Claros, *O Encontro* em 1962.

Considerações finais

Existiu uma relação próxima de estrutura do fotojornalismo da década de 1950 e 1960, que procurou furos de reportagens nas suas produções. Isso é presente na forma como foi tratada e representadas as religiões de Matriz-Africana no período estudado. A escolha da temática relativa ao cultos de Candomblé foram de grande importância para trazer essa realidade para o cotidiano das comunicações no Brasil daquele momento.

Entender essas representações é conhecer o processo no qual elas foram incluídas no jornalismo e comunicação do período. Compreender tais processo produz a necessidade de identificar as qualificações e ideias sobre essas pessoas representadas. Para isso, trazemos o olhar Sergio Moscovici (2007), onde o ato de "representar é uma processo de familiarizar aquilo que não é familiar" e portanto trazer aquilo que foi desconhecido para desta forma produzir sentido para determinado grupo ou sociedade.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

FRIZOT, Michel. *Nouvelle histoire de la photographie*. Paris: Adan Biro / Larousse, 2001.

HALL, Stuart. *Estudos culturais: dois paradigmas*. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 124-150.

[1]O *Cruzeiro* ou simplesmente *Cruzeiro* foi uma revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1928, editada pelos Diários Chateaubriand. Carlos Malheiro Dias foi seu diretor no período de 1928 a 1933, sendo sucedido por Antônio Accioly Neto[1] e depois por José Amádio que, em 1933, assumiu a editoria e o nome da revista mudou para *Revista Ilustrada*, um nome editorial que ficou conhecido como "bossa nova". Foi a principal revista ilustrada brasileira da primeira metade do século XX. Deixou de circular em julho de 1934.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social /
Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês
por Pedrinho A. Guareschi. - 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Texto e discurso. O texto em perspectiva. *Organon Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, nº 23. Vol. 9, nº23. 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

TACCA, Fernando de. *O Cruzeiro versus Paris Match e Life Magazine: um jogo espetacular*. 2009.

[1]O Cruzeiro ou simplesmente Cruzeiro foi uma revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1928, editada pelos Diários Chateaubriand. Carlos Malheiro Dias foi seu diretor no período de 1928 a 1933, sendo sucedido por Antônio Accioly Neto[1] e depois por José Amádio que, em 1933, criou um novo editorial que ficou conhecido como "bossa nova". Foi a principal revista ilustrada brasileira da primeira metade do século XX. Deixou de circular em julho de 1938.